



RELAÇÕES DE PROXIMIDADE ENTRE ATORES LOCAIS E AS DINÂMICAS DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: ANÁLISE DA CADEIA PRODUTIVA DO QUEIJO ARTESANAL SERRANO NOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA/RS

Carine Pachoud
Martin Coy

Resumo

O conceito de desenvolvimento territorial, que caracteriza uma possibilidade de evolução endógena do território, se impõe, especialmente frente à retirada dos poderes públicos. Vemos uma implicação crescente dos atores locais nas dinâmicas de desenvolvimento, nas suas capacidades de se mobilizar e elaborar os seus próprios projetos. As cooperações entre os atores locais dessas cadeias parecem ser um elemento chave da sua resiliência, em que relações de confiança são centrais. Nesse sentido, nos Campos de Cima da Serra-RS, a produção de gado de corte, em campo nativo, está associada à produção do Queijo Serrano. Essa atividade de importância histórica fica em desacordo com normas sanitárias de produção. Com efeito, as leis não tratam das especificidades da produção artesanal e é submetida aos mesmos padrões sanitários e instalações industriais. De outro lado, o interesse dos consumidores por produtos artesanais e locais, e o crescimento do turismo permite um aumento na demanda do queijo artesanal serrano. Há sete anos a associação de produtores Aprocampos foi criada com o objetivo de buscar formas legais para desenvolver a produção preservando as características históricas. No entanto, essa associação está frágil, ainda com pouca adesão e iniciativa por parte dos produtores, sendo, a Emater-RS, o ator central no incentivo da Aprocampos. Nesse contexto, buscamos entender as dinâmicas de cooperação entre atores, através de uma análise de proximidades e confiança, bem como analisar o papel dessas relações no processo de desenvolvimento territorial.

Palavras-chaves: Desenvolvimento territorial. Cadeias curtas. Proximidades. Confiança.

1 Introdução

Hoje, assistimos a um interesse crescente pelo conceito de desenvolvimento territorial, depois de constatar cada vez mais desigualdades espaciais entre regiões de um mesmo país. Muitas vezes as regiões rurais conhecem dinâmicas de desenvolvimento diferentes em relação a regiões urbanas. Esse fenômeno ocorre particularmente em regiões rurais de montanhas, que ficam distantes das tomadas de decisões políticas e de grandes centros industriais, geralmente com infraestruturas pouco desenvolvidas e dificuldades de acesso (TORRE & VOLLET, 2016).

Diante dessa problemática da diferença de desenvolvimento, o envolvimento dos atores locais parece ser central para o desenvolvimento territorial. Hoje existe um interesse cada vez maior para pesquisas ao nível territorial que tratam numa escala mais pertinente para tratar dessas questões. Essa revolução para um desenvolvimento mais endógeno parece vir dos próprios territórios e dos atores locais, não somente



produtivos (TORRE, 2015). Nesse conceito de desenvolvimento territorial são os atores que definem os objetivos e raramente apenas as dimensões econômicas e de riqueza são levadas em considerações, mas também as dimensões ambientais, sociais como o bem-estar ou a felicidade (SEN, 1999). Assim, o desenvolvimento territorial pode ser definido como a vontade de redes de atores para conduzir o seu próprio modelo de desenvolvimento e, assim, as novas práticas sociais e institucionais são centrais nos processos coletivos de inovação territorial (TORRE, 2015). Nesse sentido, a construção de projetos comuns precisa de linguagens e referências comuns, bem como ligações entre os atores. A confiança entre atores se torna então importante, além da identidade e da história comum.

De acordo com o IBGE (2010) que traz índices de desenvolvimento baixos, a cadeia produtiva do Queijo Serrano nos Campos de Cima da Serra no Rio Grande do Sul, parece ser um caso interessante para analisar os processos de desenvolvimento territorial através de estudo de parceria entre atores locais. Com efeito, essa região de economia pastoril com a presença de pastagens naturais de altitude, associa a produção de gado de corte com a produção do Queijo Serrano (CRUZ, 2012). Essa região fica isolada de grandes centros urbanos e tem redes de transporte e telecomunicação pouco desenvolvidas. No entanto, possui forte identidade com traços culturais marcantes e ancorados no território. O Queijo Serrano é reconhecido por sua tipicidade ligada ao meio ambiente e ao “saber fazer” local transmitido de geração em geração. Essa atividade de importância histórica se reflete nos modos de vida dos produtores que produzem esse queijo de modo tradicional a partir de leite cru há mais de 200 anos. Hoje, cerca de 1500 pecuaristas familiares produzem esse tipo de queijo, no entanto, ele é produzido em sua maioria na informalidade em desacordo com as normas sanitárias de produção de alimentos no Brasil. Com efeito, as leis estaduais e federais não tratam das especificidades da produção artesanal, e é submetida aos mesmos padrões sanitários e de instalações industriais, inviabilizando, assim, a produção artesanal devido aos elevados custos de adaptação (AMBROSINI, 2007).

Essa cadeia curta, ou seja, local e com poucos intermediários (TIMMERMANN, 2016) tem, de um lado, várias vantagens e oportunidades para o desenvolvimento territorial, como uma dimensão identitária e cultural forte que permite manter a fabricação do queijo de geração em geração (MATTE et al., 2016). Por outro lado, o turismo se torna cada vez mais uma atividade econômica de destaque, e pelo



interesse crescente dos consumidores por produtos artesanais, naturais e locais (CRUZ, 2012). Assim, assistimos, nesses últimos anos, a um aumento na demanda do Queijo Serrano. No entanto, essa cadeia é pouco estruturada e organizada por falta de legalização, o que torna a comercialização clandestina.

A partir dessas problemáticas parece interessante, analisar as formas de coordenação entre os atores nos processos de desenvolvimento territorial. Existem ainda poucos estudos sobre a relação do território com as diferentes formas de proximidades entre atores e o papel das relações de confiança nos processos de desenvolvimento territorial nas cadeias produtivas agrícolas. Assim, o objetivo desse artigo é analisar as formas de coordenação entre atores através do conceito de proximidades e as relações de confiança, bem como caracterizar os seus papéis no desenvolvimento territorial.

2 Apresentação da cadeia produtiva do Queijo Serrano

A produção de Queijo Serrano é realizada nos Campos de Cima da Serra, região limitada ao norte pelo rio Pelotas, fazendo a fronteira com o estado de Santa Catarina, ao sul pela Serra e o rio das Antas, ao Leste pelos Aparados da Serra, formação de cânions escavados no planalto vulcânico e a Oeste com o planalto gaúcho. A produção realiza-se principalmente nos municípios de Bom Jesus, São José dos Ausentes, São Francisco de Paula, Cambará do Sul e Jaquirana (CRUZ, 2012). A densidade populacional é baixa (5,3hab/km²) e metade da população mora nas áreas rurais. Os Campos de Cima da Serra correspondem a zonas de montanha entre 800 e 1400 m de altitude, localizados na transição entre a Mata Atlântica e dos Pampas (CRUZ, 2012). As temperaturas diárias variam entre 7,9°C no inverno e às vezes com ocorrência de geadas e neve, e 19,2°C no verão.

Nos cinco principais municípios, 70% dos estabelecimentos têm menos de 100 ha, sendo a pecuária ocupante de mais de 90% das terras, do modo que podemos estimar que existem entre 2500 e 3000 pecuaristas familiares nesses cinco municípios, sendo que destes, 1500 são produtores de Queijo Serrano (RIES et al., 2012). A produção de Queijo Serrano anual, estimada por Ambrosini (2007), é de 700 toneladas nesses municípios.

O gado de corte foi introduzido pelos padres jesuítas nesses campos nativos para alimentar as reduções jesuítas no início dos anos 1700 (FLORES, 2003). Depois



da expulsão dos Jesuítas do Brasil no século XVIII, a região foi fortemente marcada pelas rotas de tropeiros, entre os Campos de Cima da Serra, São Paulo e Santa Catarina. Esse tropeirismo desenvolveu grandes propriedades latifundiárias sob a doação de Sesmaria, cujo principal objetivo foi de povoar a região. Outra forma de tropeirismo, o tropeirismo regional, iniciou na região a partir da chegada dos imigrantes europeus não ibéricos, que intensificou as trocas comerciais entre os Campos de Cima da Serra e as cidades vizinhas. Durante esse período, os agregados dos estabelecimentos latifundiários conseguiram ter o seu próprio gado e suas glebas de terras, desenvolvendo a agricultura familiar e depois da passagem geracional das terras diminuiu o tamanho das propriedades o que tornou o queijo serrano um importante gerador de renda para as famílias. Nesse período, o queijo Serrano foi utilizado como moeda de troca para abastecer a região com alimentos que não possuíam (sal, açúcar, farinha, etc.). Essas duas formas de tropeirismo foram responsáveis pela permanência da atividade pecuária na região e a manutenção do modo de fabricação artesanal do Queijo Serrano, que permaneceu até hoje e é transmitido de geração em geração (KRONE, 2009).

O queijo tomou uma importância econômica relevante na renda das famílias, primeiro porque, depois de sucessões, as propriedades ficaram cada vez menores, aliado a queda do preço do boi (AMBROSINI et al., 2009). Segundo Cruz (2012), o queijo pode representar até 60% da renda familiar, sendo vendido regularmente e representa a renda para as necessidades do dia a dia da família. Assim, a venda de gado é esporádica, em caso de grandes necessidades (despesas para a educação ou saúde).

3 Os conceitos teóricos

3.1 Cadeia curta (Short Food Supply Chain)

Nos últimos anos, vários conceitos foram desenvolvidos para contrapor o conceito de Value Chain, considerado não apropriado para descrever uma cadeia no seu conjunto, ou seja, as relações verticais, horizontais e a questão da governança dentro da cadeia. Os principais conceitos desenvolvidos foram o Global Production Network, o Global Commodity Chain ou ainda o Global Value Chain (TIMMERMANN, 2016; COE et al., 2008; HENDERSON et al., 2002). Nas cadeias produtivas agrícolas, o conceito de Short Food Supply Chain foi considerado o mais apropriado para



descrever a produção de produto local ou orgânico por produtores familiares. Esse conceito define uma cadeia produtiva com poucos intermediários, onde os produtos viajam pouco antes de ser consumidos. Os produtores capturam mais valor agregado por novos meios de venda, por exemplo através da venda direta na propriedade. Existem novas relações entre produtores e consumidores, mais baseadas na confiança e na troca de informações e, assim, o consumidor está mais perto do produtor, sendo possível a troca de informações. A noção de qualidade se torna importante nesse conceito com o destaque para características regionais ou artesanais, bem como ecológicas ou naturais. Esse conceito permite ressocializar e reespecializar os produtos, com a noção de proximidade geográfica, social e econômica (MARSDEN, 2000). No entanto, existem dois limites nesse conceito, primeiro o perigo do patriotismo regional, porque cadeias produtivas curtas não significam necessariamente que elas estejam melhores do que as cadeias globais. Também, pode ser difícil identificar as instituições e a sociedade civil, e seus papéis no desenvolvimento local (TIMMERMANN, 2016).

3.2O território

Hoje, com a globalização, a dimensão espacial tem menos importância do que a dimensão econômica. No entanto, desde o início dos anos 2000, vários pesquisadores tentam dar destaque à relação entre os seres humanos, as suas atividades e o meio ambiente. Inicialmente foram desenvolvidos os conceitos de local e regional, sendo aprimorado para o conceito de território, o qual está ganhando lugar de destaque na literatura (TORRE & VOLLET, 2016). Com efeito, de acordo com Torre (2015) e Crevoisier (2010), o limite da abordagem do desenvolvimento regional é que ela se baseia numa visão pragmática de divisão geográfica e considera a região com uma unidade de observação econômica, legitimada por suas características políticas ou institucionais. Assim, o desenvolvimento territorial veio substituir o desenvolvimento regional ou local, porque essa abordagem engloba todas as partes e não somente produtivas (associações, por exemplo). Segundo, os processos de cooperação e de construção social estão incluídos nessas dinâmicas de desenvolvimento, ausentes nas duas outras abordagens (BAUELLE et al, 2011). Terceiro, a ocupação do espaço está no centro das problemáticas de desenvolvimento territorial com a questão do uso



de solo e do ordenamento do território, sobretudo com as questões cada vez mais importantes dos conflitos pela terra e da monopolização das terras (TORRE, 2015).

Assim, pesquisadores que analisaram a abordagem do território formularam várias definições. A definição convencional dada por Sack (1986) é a seguinte: zonas geográficas com fronteiras mais ou menos delimitadas, nas quais as relações estão organizadas e lideradas por grupos ou populações particulares, que se reconhecem em projetos comuns. De acordo com Torre (2015), os territórios não correspondem somente a uma área geográfica, eles são produções coletivas, resultando de ações de um grupo de atores locais. Eles associam e reúnem atores e/ou partes interessadas em espaços cujas fronteiras podem variar segundo as suas interações. Os territórios estão em construção permanente, eles se desenvolvem através de oposições e compromissos entre atores locais e exteriores e se inscrevem no longo prazo, com uma história e preocupações ancoradas de maneira forte nas culturas e hábitos locais. A delimitação do território se refere à percepção de um sentimento de pertença e recorre a estruturas de governança particulares, também a formas de autoridade políticas, às regras de organização e funcionamento específicos (TORRE, 2015). Assim, o território tem uma dimensão identitária e cultural forte, é um quadro de relações entre atores no espaço e no tempo com uma identidade e uma história. Segundo Santos (2002), o território usado é o chão mais a identidade, definida como o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence.

3.3 As proximidades

A proximidade territorial se tornou uma pista de pesquisa desde os anos 2000 e adquiriu destaque, especialmente na literatura francesa (TORRE & BEURET, 2012; ANGEON et al., 2006; PECQUEUR & ZIMMERMANN, 2004). Esse conceito é o resultante do cruzamento entre o conceito da proximidade geográfica e proximidade organizada. Esse conceito foi definido para entender os mecanismos do desenvolvimento territorial. Esses jogos de proximidades parecem ter origem na criação e nas dinâmicas dos territórios; a combinação delas permite desenvolver diferentes formas de parceria entre os atores, sendo a origem das dinâmicas de governança (EMIN & SAGOT-DUVAUROUX, 2016).

Primeiramente, a proximidade geográfica é uma questão de distância. Ela corresponde ao número de metros ou quilômetros que separam duas entidades. Ela é



relativa às características morfológicas do espaço, onde o relevo tem um papel importante. Essa proximidade pode ser relativa à presença de infraestruturas de transporte que permitem a mobilidade e as tecnologias da informação e de comunicação que permitem a ubiquidade, isso se chama a distância funcional. Essa proximidade geográfica pode ser desejada entre atores (permanente ou temporária) ou não desejada (vizinhança, etc.) (TORRE, 2009).

Segundo, existe a proximidade organizada, que corresponde à maneira para os atores de ser próximos fora da relação geográfica. Essa noção agrupa duas lógicas:

- A lógica de similitude (ou institucional) que corresponde a valores comuns entre os atores de pouca distância cognitiva e com semelhanças socioeconômicas e;
- A lógica de pertença que corresponde a atores de um mesmo conjunto, de uma mesma rede (cooperativas, associações, etc.).

A mobilização das duas lógicas gera efeitos de cooperação ou interações benéficas entre os atores que estão na base e os produtos da concertação. Com efeito, a lógica de similitude condiciona a aceitação de regras gerais de diálogo e permite a produção de regras coletivas, sendo que a lógica de pertença permite o diálogo sobre as regras a serem produzidas (TORRE, 2016). A combinação das duas proximidades cria a cooperação e a inovação, no entanto, é preciso uma boa dosagem dessas duas proximidades (EMIN & SAGOT-DUVAUROUX, 2016).

3.4 A confiança

A confiança permite estabelecer relações de cooperação entre os atores. Segundo Sako (1995), a confiança é uma expectativa mútua em que os parceiros não exploram os espaços de vulnerabilidade abertos pela relação de cooperação ou por assinaturas de contratos incompletos. Existem três situações de confiança: por processos, ou seja, ligada, por exemplo, à reputação ou repetição de encontros entre pessoas; de características das pessoas (mesma família ou comunidade) e; institucional (associação, empresa, etc.). Torre e Chia (2001) analisaram a confiança entre atores da cadeia do Comté AOC. Qualificada de confiança organizacional, ela permite a ação coletiva, reduzindo a incerteza associada aos agentes e a seus comportamentos por implementação de compromissos explícitos e implícitos, sendo responsável pela reputação.



Em conclusão, ligando a parte conceitual com o trabalho realizado, a cadeia produtiva de Queijo Serrano corresponde a uma cadeia produtiva curta, localizada no território dos Campos de Cima da Serra. O quadro teórico das dinâmicas de proximidade e das relações de confiança vão permitir analisar as relações de cooperação entre os atores da cadeia e observar os seus papéis no desenvolvimento desse território.

4 Materiais e métodos

Esse trabalho de campo tem por objetivos descobrir os sistemas de produção, a organização social da cadeia e os diferentes atores institucionais. Também foram analisadas as características das relações, o grau de confiança e as proximidades entre os atores. Os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas com atores locais (WOOD, 2015):

- Dezessete entrevistas realizadas com pecuaristas familiares. As indicações dos produtores foram realizadas, em parte, pela Emater-RS e, outra parte, por efeito *snow ball*, a partir da entrevista de uma família de produtores. O questionário foi dividido em duas partes, uma primeira sobre os aspectos sócio-eco-técnicos da propriedade: características dos produtores (gênero, idade, educação), a mão de obra, descrição do manejo do gado e das terras, produção e sistema de venda. Uma segunda parte sobre as relações e o grau de confiança dos produtores com os outros atores (produtores, Emater-RS, prefeitura), a participação na vida associativa, nos cursos, nos eventos (rodeios, por exemplo).

- Sete entrevistas foram realizadas com agentes de extensão rural e funcionários de prefeituras (dois agrônomos da Emater-RS, dois secretários da agricultura dos municípios analisados, dois veterinários da inspeção e um veterinário da Emater-RS). O questionário foi também construído em várias partes: características do entrevistado (idade, formação, experiências anteriores, número de anos na profissão), função da profissão, número de produtores atendidos, descrição das relações e o grau de confiança com os outros atores (produtores, com a Emater-RS/prefeitura), descrição da associação de produtores com pontos fortes, problemas e expectativas, outros problemas que impedem o desenvolvimento da cadeia.

As entrevistas foram realizadas no mês de fevereiro de 2017, cada entrevista feita com os produtores demorou entre 40 minutos e uma hora, sendo realizada uma



visita na propriedade após o questionário, na maioria dos casos. Com os entrevistados da Emater-RS e da prefeitura, o questionário demorou mais ou menos 45 minutos. Foi hospedada e conduzida nas propriedades com a ajuda da Emater-RS e um produtor, o que me permitiu descobrir componentes que não ia descobrir só com visitas nas propriedades (existência de conflitos, por exemplo).

Esse trabalho de campo foi realizado em cinco dos onze municípios do território produtor de Queijo Serrano. No entanto, somente as entrevistas realizadas no município de São José dos Ausentes e Bom Jesus são analisadas nesse artigo. Isso porque, o número de entrevistas com produtores foi maior em relação aos outros municípios, com dezessete produtores entrevistados (onze em São José dos Ausentes e seis em Bom Jesus), sendo os locais onde pude aprofundar mais, com cinco dias passados numa propriedade de São José dos Ausentes, e cinco outros dias com os funcionários das duas Emater-RS e o veterinário da Emater de São José dos Ausentes. Também, tive a oportunidade de participar na reunião mensal da Aprocampos, o que me permitiu entender melhor os elementos da estrutura relacional entre os atores.

5 Resultados

Nessa parte, primeiramente os sistemas de produção nos municípios de São José dos Ausentes e de Bom Jesus vão estar descritos. Em segundo e terceiro lugar, as relações de proximidades e de confiança entre os atores desses dois municípios, incluído o funcionamento da associação de produtores Aprocampos, serão analisados.

5.2 Caracterização dos sistemas de produção

Entre as dezessete propriedades entrevistadas, dezesseis são pecuaristas familiares, das quais quatorze são casais de produtores. Uma propriedade é patronal, empregando um casal que mora na propriedade e realiza a totalidade do trabalho produtivo. A idade média dos produtores é de 48 anos. O nível de escolaridade dos produtores é baixo, com 56% com nível fundamental completo ou incompleto. Somente duas mulheres produtores possuem curso superior.

Em dez dos dezessete estabelecimentos têm pelo menos um filho que trabalha conjunto com os pais. Nas propriedades familiares, em média 2,8 membros da família estão envolvidos na produção. Na questão da sucessão, duas famílias não



têm sucessão e sete outras não têm certeza se os filhos vão assumir a propriedade no futuro. Todas as propriedades produzem queijo desde sempre e os “saberes-fazer” foram transmitidos de geração em geração. Na pergunta quais são as atividades econômicas principais nas propriedades, doze famílias consideraram a produção de queijo como a principal atividade, quatro foi a produção de carne e uma a fruticultura. Para essas cinco últimas propriedades, o queijo aparece em segunda importância.

A divisão sexual do trabalho é grande nesse sistema de produção, a produção do queijo é na maioria uma tarefa exclusivamente feminina (em treze das dezessete propriedades), enquanto o manejo dos pastos e do rebanho é em grande parte masculina. A ordenha é uma tarefa que se faz na maioria coletivamente.

Empregar mão de obra externa em propriedades familiares é coisa rara, existe em duas propriedades, além da propriedade patronal, com apenas um empregado permanente. Nas cinco outras propriedades entrevistadas que não têm equipamentos ou que não desejam realizar as tarefas de lavar e plantar a pastagem, há mão de obra diárias em alguns dias no ano, proveniente da prefeitura ou de particulares.

Em relação ao tamanho das dezessete propriedades entrevistadas, a área média total é de 188 ha (13 a 500 ha), incluindo 152 ha de campo nativo (3 a 488 ha) e 20 ha de pastagem cultivada (5 a 50 ha). A pastagem plantada é composta de aveia, azevém e trevo. Somente cinco propriedades plantam lavoura, que corresponde a uma rotação milho/feijão (1 a 7 ha). O milho é usado como silagem para as vacas. O tamanho do rebanho dessas propriedades compreende em média 106 cabeças (18 a 340 cabeças), incluindo uma média de 14 vacas ordenhadas diárias (8 a 22 vacas). Em quatorze propriedades, a raça do rebanho é chamada de comum, ou seja, sem padrão específico, sendo animais cruzados entre raças de corte (Devon, Angus, etc.) e raças de leite (Simmental, Holandês, Gir, Prado Suíço, guzerá, etc.). Três propriedades têm um manejo diferenciado entre gado de corte e gado de leite. Os animais de corte ficam em campos nativos o ano inteiro. As vacas de leite ficam no inverno ou o ano todo durante algumas horas por dia nas pastagens cultivadas. Uma complementação (de silagem de milho ou de ração misturada) é dada as vacas em lactação no inverno ou o ano todo.



Tabela 1: Produção de leite diária por vaca, produção de queijo diária por estabelecimento e preço por quilograma de queijo das propriedades entrevistadas

	Média	Mínimo	Máximo
Leite (L/dia/vaca)	9,0	3,0	20,0
Queijo (kg/dia)	11,2	3,0	35,0
Preço do queijo (R\$/kg)	21,4	13,0	50,0

A produção de leite e de queijo e o preço de queijo são dados em média entre as propriedades entrevistadas, assim que os mínimos e máximos.

A produção leiteira é menor no inverno (8,8L/vaca contra 9,2L/vaca no verão) em virtude da escassez forrageira no pasto. No entanto, o preço é maior porque a oferta de queijo é por consequência menor. A venda se realiza seja a conhecidos ou turistas diretamente na propriedade, seja em ponto de venda nas cidades ou por atravessadores (intermediários) que vão para os centros urbanos maiores (Caxias do Sul, Criciúma).

5.3 As dinâmicas de proximidade

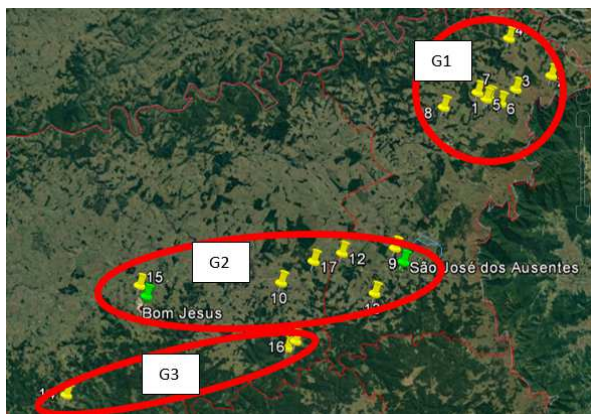


Figura 1: localização geográfica das propriedades entrevistadas nos municípios de Bom Jesus e São José dos Ausentes (fonte: Google Earth 2016)

Primeiramente, considerando a dimensão espacial, podemos considerar três grupos de produtores que foram entrevistados. O primeiro são oito propriedades no nordeste do município de São José dos Ausente (G1), seguido de seis propriedades ao longo da estrada ligando os centros das cidades de São José dos Ausentes (G2),



três propriedades no sul do município de Bom Jesus, localizadas nas áreas de mata (G3) (figura 1).

As propriedades do G1 e G3 são as mais isoladas dos centros da cidade, respectivamente a 36,5 e 37,7 km de média. Só há estradas de terra para chegar nas propriedades e sem rede telefônica celular. As propriedades do G2 ficam em média a 12,2 km do centro mais perto, sendo as propriedades desse grupo localizadas ao longo da estrada pavimentada que liga São José dos Ausentes e Bom Jesus, os quais possuem uma rede celular em funcionamento. O único meio de transporte é o carro particular. Nesse contexto, os deslocamentos temporários dos produtores são limitados, especialmente para os produtores mais distantes dos centros de cidade. As famílias do G2 vão em média quatro vezes por semana para o centro da cidade para as necessidades, e dois produtores têm uma segunda atividade (comércio e funcionário na prefeitura). Enquanto os dois outros grupos, os produtores vão em média uma vez por semana no centro para fazer compras. As quatorze famílias integrantes da Associação de Produtores Aprocampos se reúnem mensalmente numa propriedade de um produtor.

Em segundo lugar, falamos sobre a proximidade organizada. Primeiro, a lógica de similitude corresponde aos valores comuns entre as pessoas. Nos Campos de Cima da Serra existem traços culturais e identitários que compõem a identidade cultural dos pecuaristas familiares, que foi marcada por várias culturas que se encontraram ao longo do tempo na região (Cruz e Santos, 2016). Os habitantes da região são de origem portuguesa na grande maioria, e essa origem deixou traços culturais e identitários fortes, como a importância da religião católica, onde as comunidades pertencentes a uma mesma igreja se agrupam uma vez por mês para celebrar uma missa. A importância dos ancestrais e da história da família (muitas vezes na casa dos produtores há fotografias dos ancestrais das famílias). Em seguida, o queijo Serrano tem origem portuguesa, o queijo da Serra da Estrela.

A identidade do povo dos Campos de Cima da Serra é também marcada pela atividade pecuária e a cultura gaúcha, tal como, a música, as roupas típicas frequentemente vestidas pelos produtores, o símbolo do trabalho no campo a cavalo, a habilidade de laçar os animais, os rodeios, os quais são práticas comuns dos produtores e representam importante espaço de sociabilidade e valorização da cultura local. No entanto, a história na região deixou outros traços culturais, como influências



paulistas, em virtude das rotas dos tropeiros vindos do Sudeste do Brasil. Por exemplo, nos Campos de Cima da Serra não se bebe tanto chimarrão quanto nas demais regiões do Rio Grande do Sul, optando por café com açúcar e leite. Os pecuaristas familiares da região são, as vezes, denominados de “gaúchos serranos”.

A lógica de pertença corresponde a uma mesma rede de atores. A associação dos Produtores de Queijo Serrano dos Campos de Cima da Serra-Aprocampos, nos municípios de São José dos Ausentes e Bom Jesus nasceu em setembro de 2010 por 30 membros fundadores e os dois escritórios da Emater-RS. Atualmente, há 50 membros que se reúnem em assembleia mensalmente numa propriedade de um membro. A diretoria é composta de um presidente e vice-presidente, um secretário e vice-secretário e um tesoureiro e vice tesoureiro. A eleição da diretoria é convocada a cada dois anos. Os membros pagam mensalidades decididas pela assembleia geral para o funcionamento interno da associação.

Essa associação de produtores, primeira organização de produtores de Queijo Serrano da região produtora foi fundada por várias razões, entre outras para fomentar o estudo e difusão de tecnologias, divulgar e buscar formas legais para desenvolver a produção preservando as características históricas e ampliar o mercado, bem como, obter recursos para desenvolver a produção e facilitar a ação de diversas instituições (UFRGS, MDA, Banco do Brasil, etc.).

A associação já realizou várias ações desde sua criação, como por exemplo, a Fundação do Banco do Brasil escolheu através da existência de Aprocampos, o Queijo Serrano como produto prioritário para um projeto de Desenvolvimento Regional Sustentável, que corresponde a um apoio financeiro a fundo perdido para a construção de agroindústrias. Além disso, a associação iniciou um trabalho de melhoramento das condições sanitárias de produção do leite e de boas práticas de fabricação em parceria com a Emater-RS, oferecendo cursos e palestras aos produtores. Enfim o desenvolvimento das quatro outras associações em outros municípios dos Campos de Cima da Serra se inspirou da Aprocampos.

A Emater-RS incentivou a criação dessa associação. Hoje, ainda, a Emater-RS tem um papel central, pois ela coordena as reuniões mensais, dá palestras e traz notícias durante essas reuniões. Considera-se que, sem a presença da Emater-RS, a associação não existiria porque não há autonomia por parte dos produtores. No entanto, os produtores membros têm grandes expectativas na associação para



melhorar a qualidade, promover e legalizar a produção e a comercialização do Queijo Serrano e o número de membros aumenta cada vez mais.

Entre os produtores entrevistados, quatorze fazem parte da Aprocampos, nove são de São José dos Ausentes, incluindo o antigo presidente, o tesoureiro e o futuro presidente e cinco de Bom Jesus, incluindo a presidente e a secretária.

Nove famílias participam a todas as reuniões mensais, sendo apenas três que não vão a todas, mas estão presentes na maioria do tempo e duas vão a poucas. Um produtor de São José dos Ausentes, foi eleito para substituir à presidência anterior que se afastou em virtude de problemas pessoais. No entanto, verificou-se que a participação na Aprocampos é essencialmente masculina, pois em seis das quatorze famílias são somente os homens que participam das reuniões.

Durante esse trabalho de campo, teve uma reunião mensal da Aprocampos, realizada na propriedade do tesoureiro da associação em São José dos Ausentes, na qual 62 pessoas participaram, mas somente 8 mulheres. Os agrônomos e técnicos dos escritórios da Emater-RS de São José dos Ausentes e Bom Jesus estiveram presentes, assim como a inspetora veterinária e o veterinário da prefeitura de São José dos Ausentes. Ainda, estava presente o prefeito e vice-prefeito de São José dos Ausentes e também alguns vereadores dos dois municípios. Funcionários da Emater-RS de Monte Alegre e alguns produtores de Monte Alegre, um município vizinho, estiveram presentes para ver como funciona a Aprocampos, visto que eles têm o projeto de entrar na associação ou formar uma nova. Durante essa reunião, o principal assunto foi a legalização da produção e comercialização do Queijo Serrano em nível estadual do Rio Grande do Sul, lei assinada em janeiro 2017. De acordo com os membros, a vitória para a legalização foi em grande parte graças à associação, que permitiu reunir vários produtores, Emater-RS prefeitura em Porto Alegre nas assembleias e discutir com os políticos. O agrônomo da Emater-RS de Bom Jesus constatou « desde 30 anos é a primeira vez que eu vi uma coisa assim ».

O grau de confiança na associação é qualificado como alto para seis famílias, bom para sete outras, e apenas uma família classificou como não tão bom. A razão dada por essa família é que o secretário da agricultura entrou no escritório da associação o ano passado e decidiu dar duas bolsas da Fundação Banco do Brasil para construir queijarias para dois membros da família dele, sem votação da assembleia geral (foram ao total nove financiamentos a fundo perdido de R\$ 16.000,00



da Fundação Banco do Brasil para nove famílias). De maneira geral, as expectativas dos produtores são grandes, como afirma um dos produtores: «se não tivesse, essa associação, nada teria iniciado» (Produtor 01, 2017). “não fui desde o início, mas fortaleceu o produtor, dá mais coragem, deu mais visibilidade ao queijo Serrano, incentivou para não desistir” (Produtor 02, 2017).

No entanto, verificou-se que existem dois grandes limites no funcionamento da Aprocampos. Primeiro, a dependência à Emater-RS para o funcionamento, dito pelo agrônomo da Emater-RS de Bom Jesus disse « A associação, eu fui desde o início para a criação, mas tem pouco coesão, se não tivesse a Emater, não teria iniciativas dos produtores ». Segundo, os conflitos internos, como os conflitos sobre a votação dos créditos da Fundação Banco do Brasil, « as vezes têm conflitos, mas se resolve com o dialogo, o que importa é tirar a política do meio e colocar os interesses dos pequenos produtores primeiro » (Produtor 03, 2017). O agrônomo da Emater-RS de São José dos Ausentes afirmou: « o que falta a vezes é um pouco de união ».

Assim, depois de ter analisado as proximidades geográficas e organizada nos parágrafos anteriores, várias características foram observadas. Primeiro, é unicamente no grupo G2 que há três propriedades legalizada com Selo de Inspeção Municipal (SIM). Duas outras propriedades do G2 querem o SIM e a última, a propriedade patronal, não quer se legalizar porque o queijo não tem relevância para a renda da propriedade. No G3, a presidente da associação já tinha o SIM, mas foi tirado pelo novo veterinário que achava que a queijaria não respeitava as normas. As três propriedades desse grupo querem se legalizar com o SIM. No G1, as queijarias são todas antigas, mas cinco estão em construção ou em projeto de construção. Ninguém afirmou querer o SIM, a construção da queijaria é mais uma questão de facilidade para o trabalho.

Em segundo lugar, a construção de queijarias representa um grande investimento para os produtores, somente três famílias vão construir com os seus recursos próprios (dois no G1 e uma no G3). Para as outras existem ajuda do estado, FEAPER, crédito de R\$10 000 a 80% de fundo perdido e da Fundação do Banco do Brasil, FBB, crédito de R\$16 000 a fundo perdido para nove famílias. No G1 somente três propriedades entre oito conseguiram ajudas financeiras (2 FEAPER e 1 FBB); no G2, quatro famílias entre seis têm um apoio financeiro (2 FEAPER e 2 FEAPER/FBB).



Enfim, no G3, duas famílias entre três têm um financiamento (1 FBB e 1 FBB/FEAPER).

Podemos perceber, ainda, que os postos da diretoria da associação Aprocampos são concentrados entre proprietários dos grupos G2 e G3. Com efeito, no G2 há a presidente e a secretária e no G3, há o tesoureiro, o vice-presidente, assim como o antigo presidente. Três famílias entrevistadas não são membros da Aprocampos, duas compõem o G1 e uma o G2 (que corresponde à propriedade patronal). Entre as nove famílias que têm um apoio financeiro, cinco são membros da diretoria da Aprocampos. Os três não membros não têm nenhuma ajuda financeira. Assim podemos nos perguntar se ter um estatuto elevado na associação permite maior facilidade em conseguir créditos para a construção de queijarias.

Outro ponto interessante é que as três únicas famílias que não fazem parte de uma comunidade religiosa são no G2, sendo que apenas uma possui o SIM. Assim podemos supor que a lógica de similitude parece menos forte para as famílias menos isoladas.

Podemos também observar que o nível de intensificação da produção depende da localização das propriedades. Assim no G1 e G2, o rebanho é de raça comum, enquanto a raça no G2 possui um padrão mais leiteiro com três propriedades que têm um manejo diferenciado entre o gado de corte e o gado leiteiro, essas vacas leiteiras precisam de duas ordenhas por dia. Assim, a produção de leite por vaca é mais elevada no G2 (12,5L/vaca/dia contra 6,6L/vaca/dia no G1 e 8,5L/vaca/dia no G3). O número de vaca ordenhada é mais elevado no G2 (17 vacas em média contra 13 vacas no G1 e 15 vacas no G3). A produção de queijo diária é conseqüentemente mais elevada no G2 (18,7 kg/queijo/dia contra 6,4kg/queijo/dia e 9,0 kg/queijo/dia respectivamente no G1 e G3).

Verificou-se também que, todos os produtores do G1 utilizam um touro para a reprodução, enquanto no G3, os produtores utilizam a inseminação artificial e no G2 a metade inseminam as vacas. O tempo que as vacas leiteiras permanecem nas pastagens cultivadas é em geral de uma hora por dia no G1, enquanto muitas vezes o ano todo e o dia inteiro nos dois outros grupos. Enfim, a complementação (ração misturada ou silagem de milho) é dada às vacas no inverno no G1 e o ano todo no G2 e G3 (salvo 2 que não dão complementação).



Assim, na região, existem distinções entre produtores de Queijo Serrano tradicionais e não tradicionais no que diz respeito ao sistema de produção. Os produtores que têm um sistema mais intensivo, possuem vacas leiteiras, que recebem complementação todo dia e estão ordenhadas duas vezes por dia. Assim que queijarias novas e utensílios de inox. Do mesmo modo, é considerado fraco o queijo feito a partir dessas vacas por os produtores tradicionais.

Sobre o manejo do pasto, todos os produtores do G1 queimam o campo nativo anualmente, enquanto metade dos produtores do G2 e G3 não queimam, mas passam a roçadeira. Queimar o campo nativo é proibido pela legislação brasileira, as propriedades mais distantes dos centros urbanos são mais escondidas dos controles e assim tentam continuar a queima do campo nativo a cada ano.

Entre os grupos de produtores, distingue-se também o meio de venda do queijo e o seu preço. O preço de venda do queijo é maior no G1 porque a venda se faz diretamente na propriedade aos turistas ou conhecidos, ou os produtores vão diretamente vender os seus queijos em cidades vizinhas. Nesse grupo, somente duas propriedades vendem a um atravessador, enquanto sete das nove propriedades vendem a um atravessador no G2 e G3. Assim o queijo é melhor valorizado financeiramente no G1 porque há menos intermediários e o produtor tem mais poder de decisão sobre o preço. O preço médio de venda é de R\$26,3/kg no G1 contra R\$/kg17,6 no G2 e R\$/kg16 no G3.

Enfim, entre os diferentes grupos de produtores percebemos uma desigualdade na frequência das visitas da Emater-RS e do veterinário. Assim em média, no G1 e G3 o número de visitas da Emater-RS é a cada dois ou três meses contra uma vez por semana ou por mês em média no G2. As propriedades que tem o SIM recebem visitas uma vez por semana. Organização semelhante ao que ocorre com o veterinário que faz visitas às propriedades em média uma vez por mês para aquelas que têm o SIM ou que estão no processo para ter o SIM.

Em conclusão dessa parte, podemos supor que as propriedades menos isoladas têm um sistema mais intensivo de produção e menos tradicional. A lógica de pertencimento parece mais importante. Eles estão nos postos de diretoria da Associação, recebem mais visitas da Emater-RS e do veterinário. O sentido comunitário parece ser menos forte para esses produtores, com efeito a lógica de similitude parece mais importante para as propriedades mais isoladas.



5.4 Análise das relações de confiança entre os atores locais

Nessa parte, serão analisadas as relações de confiança entre cada tipologia de atores da cadeia produtiva. As propriedades são distantes entre elas e a produção e comercialização é individual em cada estabelecimento. Existe pouca ajuda ou troca de serviços entre produtores. De maneira geral, podemos perceber que não tem muita relação de confiança entre os produtores. Por exemplo, já houve vários casos de denúncia entre produtores, há informações de um vizinho que denunciou um produtor que cortou madeira ilegalmente para fazer uma construção. Também existem denúncias entre produtores que vendem Queijo Serrano sem o SIM. O produtor 04 afirmou em entrevista: « a gente é um povo desunido ». Os produtores principalmente se encontram durante a missa mensal entre comunidades religiosas. São muitas vezes membros de uma mesma família. O agrônomo da Emater-RS de Bom Jesus afirmou « a nossa cultura é fechada, a gente vive em família ». Nesse contexto, a criação da associação parece ser um grande passo para que os produtores cooperem mais.

Em segundo lugar, o grau de confiança entre a Emater-RS e os produtores parece ser muito alto, com muita proximidade. O agrônomo de Bom Jesus afirmou « é uma ligação que vai além de uma relação de trabalho, é uma relação de proximidade, de confiança até na vida privada das pessoas ». O produtor 05 disse « Eles se esforçam para a gente » e o produtor 06 « qualquer dúvida ela me atende ».

As relações entre os produtores e os veterinários foram qualificadas na maioria como boas pelos produtores. No entanto o veterinário da inspeção atende somente as propriedades legalizadas ou no processo de legalização. Nove propriedades têm um veterinário particular para fazer vacinas ou quando há problemas de saúde. Duas não têm visitas de nenhum veterinário. As propriedades que têm o SIM recebem visitas a cada duas semanas em média dos veterinários da inspeção municipal para controlar e fiscalizar. De um lado, esses produtores acham que o serviço da fiscalização dá poucas chances aos produtores e muita facilidade quando não atendem as normas e, de outro lado, os veterinários acham que os produtores não fazem esforços para atender as normas. Um dos veterinários afirmou: « Eles atendem que as coisas chegam até a propriedade de graça [...] tem um bom relacionamento de trabalho com os produtores, mas quando toca à produção de queijo é mais difícil, eles acreditam



que você impede eles de trabalhar », o outro veterinário disse « nós tentamos de ajudar eles mais eles não querem ».

As relações entre a Emater-RS e os veterinários são boas, mas as atividades dos dois órgãos são diferentes, pois a Emater-RS tem um papel de acompanhamento e de educação, mesmo para os produtores ilegais, enquanto os veterinários, é de fiscalizar os produtores legalizados, mesmo se eles afirmam ter também um papel educativo. Isso pode as vezes ser uma relação conflituosa.

Enfim, as relações das secretárias da agricultura com os outros atores são muito mais mistas, é muitas vezes uma questão de proximidade familiar ou política. O produtor 07 afirmou em entrevista: « as relações são muito boas, saiu um tio e chegou um tio ». Para outro, que foi vereador, as relações são difíceis porque agora é a oposição que foi eleita. As principais expectativas dos produtores são de poder alugar as máquinas agrícolas e de fazer estradas, expectativas pouco atendidas. Segundo as prefeituras, as relações com os produtores são boas e de confiança « tem que tratar de maneira igual, não fazer passar os amigos primeiros ». A Emater-RS explicou que as relações de trabalho são tranquilas, não tem conflitos diretos, mas segundo eles, a prefeitura não ajuda no desenvolvimento da produção, sem estrada, os queijos não podem ser vendidos, e isso estraga os queijos. A Emater-RS afirma que há muitas coisas para desenvolver a cadeia, mas poucas coisas são realizadas (por exemplo, desenvolver feiras).

Em conclusão, as relações de confiança parecem ser muito boas entre os produtores e a Emater-RS, enquanto as relações entre os produtores, entre os produtores e os veterinários da inspeção e entre os secretários da agricultura e os outros atores parecem mais difíceis.

6 Discussão/conclusão

Nesse artigo analisamos as diferentes formas de proximidades entre atores e as relações de confiança da cadeia produtiva de Queijo Serrano, assim que seus papéis nos processos de desenvolvimento territorial. Primeiramente, concluímos que o sistema de produção na região fica ainda na grande maioria familiar e de modo tradicional, mesmo se podemos perceber uma intensificação na produção de queijo em algumas propriedades. Segundo os resultados, a intensificação da produção de queijo fica em propriedades localizadas perto de eixos de comunicação e que recebem



mais visitas da Emater-RS ou dos veterinários. Assim, a difusão das tecnologias parece ser mais rápida nessas propriedades. Também foi percebido que são as propriedades que têm o SIM que intensificam mais a produção, com manejo diferenciado entre o rebanho de corte e de leite. Os sistemas de produção mais tradicionais foram observados na região Nordeste, longe dos centros de cidade. Um grupo de propriedade no Sul, na região da mata, tem um nível de intensificação intermediário.

A informalidade da produção e da comercialização é causada por normas sanitárias e outras exigências burocráticas que se distanciam da realidade e da necessidade dos pequenos produtores. Ao mesmo tempo, essas normas causam perda das características do queijo Serrano feito no modo tradicional, pois, por exemplo, as formas de madeira dão um sabor específico ao queijo de acordo com os produtores, o que não é alcançado com as formas de inox. Essa clandestinidade freia o estabelecimento de relações de confiança entre produtores e com os outros atores. Com efeito, a produção e a comercialização estão escondidas, um produtor falou « quem é não visto, não é lembrado ». Observamos um recuo na lógica de similitude, ou seja, as relações entre produtores de mesma comunidade e da mesma família, com a ocorrência de conflitos ou de denúncias entre produtores que não são da mesma comunidade. Também esse trabalho evidenciou as relações de desconfiança entre a inspeção veterinária e os produtores, visto como “multador”, bem como os agentes da prefeitura com os outros atores, que são vistos como que não assumem o seu papel no desenvolvimento da cadeia e não levam em consideração as necessidades desses atores.

Nessa evidência de falta de confiança entre os atores, a emergência de uma lógica de pertença com a criação da Aprocampos parece ser um grande passo na cooperação entre os produtores. Com efeito, a confiança é necessária para cooperar e criar a lógica de pertença, que é muitas vezes a base do desenvolvimento territorial. No entanto, a análise mostra ainda a instabilidade das coordenações locais entre os produtores e o apoio necessário da Emater-RS para o funcionamento da Aprocampos. Essa associação permite reunir produtores que possuem suas propriedades, as vezes, distantes entre si e com sistemas de produção diferentes. Essa proximidade geográfica temporária, durante as reuniões, é importante para evitar o isolamento de produtores, criar oportunidades de encontros e participação no processo de



desenvolvimento territorial. Além disso, essa diversidade de produtores pode ser um benefício grande para a emergência de ideias novas e co-concepção de inovações, motor do desenvolvimento territorial (TORRE, 2016). No entanto, a lógica de pertença é mais observada nos atores mais centrais geograficamente falando, porque são os mais presentes na direção da Aprocampos. Observamos que, as vezes, para os produtores mais isolados, surgem conflitos e perda de confiança para esses atores, eles se recuam então mais numa lógica de similitude.

Assim, essa associação parece ser uma chance para fazer um projeto comum entre os produtores. É a oportunidade de criar uma coordenação durável entre os atores, nessa cadeia que até hoje não tinha essas ligações cooperativas e de confiança entre eles. A cadeia curta e as proximidades dão as oportunidades para os atores locais de participar nos processos de governança e de desenvolvimento territorial por meio da implementação de projetos comuns.

No entanto, esse trabalho comporta alguns limites. Primeiro, destaca-se o número limitado de pessoas entrevistadas, assim seria interessante entrevistar mais produtores. Entre os entrevistados, a maior parte é membro da Aprocampos. Seria interessante ter mais produtores não membros para entender quais são as razões de não fazerem parte da associação. Segundo, as entrevistas são semiestruturadas com dados principalmente qualitativos. Esse tipo de questionários não pode ser sempre adaptado, porque é demorado e muitos produtores têm pouco tempo. Também porque as vezes é difícil de fazer “falar” os produtores e assim podemos deixar de lado de características importantes. Enfim, uma análise completa de rede dos atores seria interessante para cruzar com a análise das proximidades. Com efeito, entender se alguns atores têm um papel central no processo de cooperação ou de adoção e difusão de tecnologias é necessário para entender essas transformações no território.

REFERÊNCIAS

AMBROSINI, L. B., FILIPPI, E. E., MIGUEL, L. A., 2009. Produção de Queijo Serrano: estratégia de reprodução social dos pecuaristas familiares do Sul do Brasil sob a perspectiva multidisciplinar do SIAL - Sistema Agroalimentar Localizado. *Estudo & Debate (UNIVATES. Impresso)*, v. 16, p. 27-54, 2009.

AMBROSINI, L. B., 2007. Sistema agroalimentar do Queijo Serrano: estratégia de reprodução social dos pecuaristas familiares dos Campos de Cima da Serra – RS. 196p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.



ANGEON, V., CARON, P., LARDON, S., 2006. Des liens sociaux à la construction d'un développement territorial durable : quel rôle de la proximité dans ce processus? *Développement durable et territoires*, Dossier 7 | 2006.

BAUELLE G., GUY C., MÉRENNE-SCHOUMAKER B., 2011. Le développement territorial en Europe. Concepts, enjeux et débats. Presses Universitaires de Rennes, Rennes.

COE, N. M., DICKEN, P., HESS, M. 2008. Global production networks: realizing the potential. *Journal of economic geography*, 8(3), 271-295.

CREVOISIER, O., 2010. La pertinence de l'approche territoriale, *Revue d'Économie Régionale & Urbaine* 2010/5 (décembre), p. 969-985. DOI 10.3917/reru.105.0969

CRUZ, F. T. (da), 2012. Produtores, consumidores e valorização de produtos tradicionais: um estudo sobre qualidade de alimentos a partir do caso do queijo serrano dos Campos de Cima da Serra – RS. 2012. 292p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade de Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

EMIN, S., SAGOT-DUVAUROUX, D., 2016. L'émergence de dynamiques coopératives : l'exemple d'un réseau d'entreprises créatives co-localisées, une approche par l'économie des proximités. *Géographie Économie Société*, Lavoisier, 2016, 18 (4), pp.525-550.

FLORES M., 2003. História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ediplat.

HENDERSON, J., DICKEN, P., HESS, M., COE, N.M., YEUNG H. W-C., 2002. Global production networks and the analysis of economic development, *Review of International Political Economy*, 2002, vol. 9 (p. 436-464).

IBGE, 2010. Rio Grande do Sul, Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM. Disponível em [<http://cod.ibge.gov.br/26Z>].

KRONE, E. E., 2009. Identidade e cultura nos Campos de Cima da Serra (RS): práticas, saberes e modos de vida de pecuaristas familiares produtores do queijo serrano / Evander Eloí Krone – Porto Alegre, 2009. 146p.

MARSDEN, T., BANKS, J., BRISTOW, G., 2000. Food supply chain approaches: exploring their role in rural development. *Sociologia ruralis*.40p.

MATTE, AI., WAQUIL, P., 2016. Vulnerabilidade, capacitações e meios de vida de pecuaristas de corte no sul do Rio Grande do Sul. In: Waquil, P., Matte, A., Neske, M. Z., Borba, M. F. S. Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. 288p.

PECQUEUR B., ZIMMERMANN J.-B., 2004, *Économie de proximités*, Lavoisier, Paris.

RIES, J., SANTOS, J., KREAMER, J., ARILTON, L., 2015. *Aprocampos – uma experiência de sucesso na qualificação e valorização do queijo artesanal serrano*. Porto Alegre.

RIES, J., SANTOS, J., WAGNER, S. A., 2012. Projeto de qualificação e certificação do queijo serrano produzido nos Campos de Cima da Serra do Rio Grande do Sul – relato parcial de experiência. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, v.5, n.1, p.10-19.



RIES, J. E; MESSIAS, L. G. P., 2003. Campos de Cima da Serra: caracterização da região e do pecuarista familiar. Porto Alegre: EMATER, 2003. Arquivo em PowerPoint for Windows.

SACK R., 1986. Human Territoriality. Its Theory and History. Cambridge University Press, Cambridge.

SAKO M., 1995. The informational requirement of trust in supplier relations: evidence from Japan, the UK and the USA, Communication au Séminaire interdisciplinaire "Confiance, apprentissage et anticipation économique", Université Technologique de Compiègne, Janvier.

SANTOS, M., 2002. Território e Dinheiro. In: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. *Território, Territórios*. Niterói: PPGeo-UFF/AGB-Niterói, RJ. 2002. p.17 – 38.

SEN AMARTYA, K., 1999. Development as freedom, New York, Anchor books, 2000.

TIMMERMANN, F. M., 2016. Alles Käse? Regionale Wertschöpfung durch Käseproduktion. Ergebnisse einer empirischen Erhebung im Biosphärenpark Großes Walsertal. Master thesis. 2016. Institut für Geographie. Universität Innsbruck.

TORRE A., 2016. La proximité territoriale au cœur des dynamiques de développement des territoires, *Au cœur des territoires créatifs, Proximités et ressources territoriales*. Presses Universitaires de Rennes, Rennes, 295 p.

TORRE A., VOLLET D., 2016, Aux fondements du développement territorial, in Torre A., Vollet D. (eds), 2016, Partenariats pour le développement territorial, Éditions Quæ, Collection « Update Sciences & technologies », 256 p

TORRE, A., 2015. Théorie du développement territorial. In : *Géographie, économie, société*. 7 octobre 2015. Vol. 17, n° 3, p. 273-288.

TORRE A., BEURET J.E., 2012. Proximités Territoriales. Paris, *Economica Anthropos*, 105p.

TORRE, A., 2009. Retour sur la notion de proximité géographique. *Géographie, économie, société* 11, p. 63–75.

TORRE, A., CHIA, E., 2001. Pilotage d'une AOC fondée sur la confiance le cas de la production de fromage de comté. In *Annales des mines, gérer et comprendre*, 65, septembre, 55-68, 2001.

WOOD, C.H. Introdução metodológica ao estudo da pecuária, do uso da terra e do desmatamento no Brasil, no Peru e no Equador. In. WOOD, C.H., TONI, F., TOURRAND, J.F. 2015. *Pecuária, uso da terra e desmatamento na Amazônia*. Editora da UnB, 2015, p15-48.